



16 DE SETEMBRO DE 2016

Sexta-feira

- FÁBRICAS DA VW VOLTAM À ATIVA APÓS 30 DIAS
- INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO PAULISTA FECHA 11 MIL POSTOS EM AGOSTO, DIZ FIESP
- MARCA PRÓPRIA É OPORTUNIDADE PARA EMPRESA DE MENOR PORTE
- EDITORIAL: MENOS EMPRESAS
- FENABAN MANTÉM PROPOSTA SALARIAL PELA 3ª REUNIÃO SEGUIDA E BANCÁRIOS A REJEITAM
- AS REIVINDICAÇÕES DOS BANCÁRIOS
- GREVE COMPLETA DEZ DIAS COM 17.800 FUNCIONÁRIOS PARALISADOS
- TRABALHADORES DOS CORREIOS ACEITAM PROPOSTA E SUSPENDEM GREVE NO PR
- MAIORIA DOS TRABALHADORES DOS CORREIOS ACEITA ACORDO, MAS SEIS ESTADOS TÊM GREVE
- INDÚSTRIA TORCE PELO SEGUNDO SEMESTRE
- CÂMARA SÓ VOTA NOVA PREVIDÊNCIA EM 2017, DIZ RODRIGO MAIA
- QUEM TEM "DIREITO ADQUIRIDO" EM CASO DE REFORMA DA PREVIDÊNCIA?
- REFORMA DA PREVIDÊNCIA TEM DE SER DURA E RÁPIDA, DIZ SECRETÁRIO DO GOVERNO
- EMBRAER CONFIRMA QUE 1.470 EMPREGADOS SE INSCREVERAM EM PROGRAMA DE DEMISSÃO
- CURITIBA SEDIA SEMANA QUE VEM MAIOR CONGRESSO DE RH DO ESTADO
- FIAT CHRYSLER CONVOCA RECALL DE 1,9 MI DE VEÍCULOS POR PROBLEMAS EM AIRBAG
- PRESIDENTE DO SEBRAE DEFENDE QUE GOVERNO APOIE TERCEIRIZAÇÃO
- SOB O MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES, APEX GANHA APOIO DE EMBAIXADAS
- FITCH VÊ RISCO DE PIORA DA NOTA DO BRASIL
- FIAT INVESTE MAIS DE R\$ 1 BI NO UNO 2017
- FIAT VIVE PIOR CRISE DE SUA HISTÓRIA
- HYUNDAI CONFIRMA A PRODUÇÃO DO CRETA NO BRASIL

- SEMCON QUER MELHORAR SINALIZAÇÃO DOS CARROS AUTÔNOMOS
- GRUPO PSA FIRMA PARCERIA PARA PRODUZIR CARRO COM IMPRESSÃO 3D
- COROPLUS TRAZ CONECTIVIDADE PARA A INDÚSTRIA DA MANUFATURA
- GERDAU APOSTA EM EXPORTAÇÕES APÓS INVESTIMENTO EM AÇOS PLANOS EM USINA DE OURO BRANCO (MG)
- WALKER COMEMORA 20 ANOS DE BRASIL E ANUNCIA AMPLIAÇÃO DA FÁBRICA
- VOLKSWAGEN APOSTA EM SEGURANÇA CIBERNÉTICA
- BRASIL E CHINA VÃO TER ACORDO PARA PRESTAÇÃO DE SERVIÇOS
- SETOR DE SERVIÇOS CRESCE 0,7% EM JULHO, DIZ IBGE
- PRIORIDADE DO GOVERNO É TRAZER INVESTIMENTOS PARA O PAÍS, DIZ MARCOS PEREIRA
- TEMER DEVE ANUNCIAR MEDIDA QUE UNE TRABALHADORES E EMPRESAS
- ENTREVISTA: LEGISLAÇÃO TRABALHISTA ESTÁ DESATUALIZADA, AFIRMA PRESIDENTE DO TST

CÂMBIO		
EM 16/09/2016		
	Compra	Venda
Dólar	3,308	3,309
Euro	3,699	3,701

Fonte: BACEN

Fábricas da VW voltam à ativa após 30 dias

16/09/2016 – Fonte: Tribuna PR

Após mais de 30 dias de paralisação, as fábricas da Volkswagen de Taubaté (SP) e de São José dos Pinhais (PR) retomaram parcialmente a produção na quinta-feira, 15, com o fim das férias coletivas dos funcionários.

A unidade de São Bernardo do Campo, no ABC paulista, retoma atividades na terça-feira.

Após travar disputa comercial com a fabricante de componentes do Grupo Prevent, com a qual rompeu contrato, a montadora nomeou cerca de dez novos fornecedores de itens como estruturas de bancos e de carrocerias. Com isso, deixa de ficar dependente de apenas um parceiro.

No início da semana, o presidente da Volkswagen no País, David Powels, disse que a montadora vai acelerar a produção para um ritmo mensal superior a 50 mil carros

entre outubro e novembro para repor os estoques consumidos durante a paralisação nas fábricas do grupo.

Antes de interromper a produção por falta de peças, a empresa fazia em média 35 mil automóveis por mês em suas três fábricas. Powels afirmou que, em razão da parada, a marca perdeu mercado pois ficou sem alguns modelos para venda.

“Nós tivemos durante os últimos 20 meses muitos problemas com um grupo de fornecedores. Agora, estamos resolvendo”, disse o executivo.

A direção do Grupo Prevent no Brasil afirma que já demitiu 700 trabalhadores em São Paulo e que poderá cortar mais, pois 85% de sua produção eram destinadas à Volkswagen.

A Volks alega que, desde 2015, quando o Prevent, de empresários da Bósnia, adquiriu várias fabricantes brasileiras com quem mantinha contratos, começou a ter problemas de desabastecimento. Por causa disso, a produção foi suspensa em 160 dias e 150 mil carros deixaram de ser produzidos.

Indústria de transformação paulista fecha 11 mil postos em agosto, diz Fiesp

16/09/2016 – Fonte: Tribuna PR

A indústria de transformação paulista fechou 11 mil postos de trabalho em agosto, o que corresponde a um recuo de 0,49% em relação a julho, segundo balanço divulgado nesta quinta-feira, 15, pela Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp). Com ajuste sazonal, o nível de emprego no setor apresentou queda de 0,27% na mesma base de comparação.

“É uma continuidade, um sinal de que o emprego continuará caindo e, infelizmente, isto deve prosseguir até o final do ano”, avaliou Paulo Francini, diretor do Departamento de Pesquisas e Estudos Econômicos (Depecon) da Fiesp, que não vê tendência de reversão de cenário.

A entidade mantém a previsão de fechamento de 165 mil vagas de trabalho na indústria paulista neste ano. Em 2015, 235,5 mil postos já tinham sido fechados. “Este ano, vamos perder três estádios de futebol, destes construídos para a Copa, cheios de trabalhadores da indústria”, comparou Francini.

Ele lembra que o emprego é a última variável a sofrer e a se recuperar dos efeitos de uma crise econômica. “Por enquanto, estamos vendo apenas redução da taxa de queda”, conclui.

Dos 22 setores monitorados pela pesquisa, 16 tiveram queda do nível de emprego no mês passado, com destaque negativo para produtos de metal (exceto máquinas e equipamentos), onde foram extintos 2,19 mil postos.

Na indústria de produtos alimentícios de São Paulo, foram cortadas 1,98 mil vagas e nas fábricas de produtos de borracha e de material plástico, 1,62 mil postos. Três setores ficaram estáveis e outros três apresentaram variação positiva na ocupação durante agosto, informa a Fiesp.

Das 36 regiões consideradas no levantamento, 28 apresentaram variação negativa no nível de emprego, enquanto quatro registraram aumento de vagas e outras quatro ficaram estáveis.

PIB

Junto com a pesquisa sobre o nível de emprego na indústria paulista em agosto, a Fiesp anunciou nesta quinta uma revisão de sua expectativa ao resultado do Produto

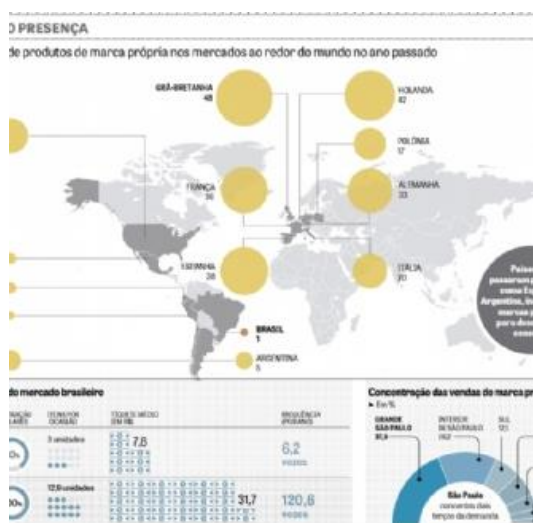
Interno Bruto (PIB) deste ano. Agora, a entidade prevê queda de 3% na atividade econômica em 2016, um pouco menos intensa do que a retração de 3,2% da projeção anterior, divulgada em junho.

Para 2017, a Fiesp revisou de 0,6% para 0,9% sua previsão de crescimento do PIB. "Quando projetamos cerca de 1% de crescimento, podemos dizer que paramos de cair. Mas a recuperação será vagarosa", comentou Paulo Francini.

Marca própria é oportunidade para empresa de menor porte

16/09/2016 – Fonte: DCI

Potencial brasileiro. Pequenas e médias superam atual cenário de crise e firmam contratos com varejistas, que possibilitam ganhos e redução de custos de produção com larga escala



Fabricantes de bens de consumo de pequeno e médio porte estão remando na contramão da crise econômica. Diante da demanda por itens de marca própria, em geral mais baratos, essas empresas têm elevado vendas produzindo para grandes varejistas.

"Esse tipo de produto ganha força em momentos de instabilidade econômica, conforme visto em países que passaram por crises e incorporaram as marcas próprias com o objetivo de desenvolver o consumo. Aqui deve ocorrer algo semelhante", diz o analista Kantar Worldpanel, Tiago Oliveira.

Ele avalia que a oportunidade de ganhos pode ser ainda maior se considerar que apenas 1% das vendas no mercado brasileiro corresponde a produtos de marca própria. Na Europa, essa participação supera 30%.

Os supermercados da Espanha, por exemplo, vendem de alimentos e bebidas a produtos de higiene e beleza. Segundo Oliveira, as marcas próprias hoje representam 38% das vendas naquele país, um amadurecimento obtido depois de uma crise econômica.

A presidente da Associação Brasileira de Marcas Próprias e Terceirização (Abmapro), Neide Montesano, vê muitas oportunidades para o segmento em função do momento econômico brasileiro, uma vez que o consumidor está mais disposto a testar novas marcas visando reduzir despesas. "Historicamente no mundo, em momento de crise, a marca própria se beneficia. Estamos muito otimistas", afirma ela.

De olho nesse movimento, a fabricante paulista de laticínios Salute apostou nos acordos com grandes redes de supermercados para alcançar um maior número de

consumidores, conta o diretor da empresa, Marcelo Duarte. Hoje, a empresa produz iogurtes das marcas Carrefour, Dia% e Walmart.

"Na crise, o que determina o consumo é preço, então o varejo tem buscado cada vez mais diversificar as opções de marcas próprias disponíveis. Temos demanda desde os itens mais simples até os mais elaborados, como iogurte grego", revelou o executivo em entrevista ao DCI. Segundo ele, a fabricação de itens de marca própria representou 60% do faturamento da empresa no último ano.

O segmento de atuação da Salute é um dos mais promissores, na avaliação do analista da Kantar. Oliveira explica que se trata de um segmento muito concentrado ainda em marcas já tradicionais, o que pode surgir como uma chance competitiva para os produtos de marca própria, em geral, mais baratos. "Nesse aspecto, o mercado ainda pode evoluir mais", espera.

O executivo da Salute observa que essa também pode ser uma possibilidade de as empresas menores competirem com as gigantes sem grandes aportes.

"Colocar um produto no mercado exige força de venda, o que nem sempre ocorre no lançamento de uma marca devido aos custos. Mas com as chamadas marcas próprias [para terceiros] garantimos maior pulverização, espaço na gôndola e volumes nas entregas", reforça o gerente comercial da Casa Maní, Marcelo Costa. A empresa de alimentos produz fécula de mandioca ou tapioca e barrinha de cereal.

Atualmente, 55% do faturamento da empresa vêm dos produtos de marca própria.

"Nossa meta é chegar a 60% até o fim do ano e, depois, avaliar se aumentaremos essa porcentagem". Sem revelar valores exatos, Costa afirma que a demanda subiu. "Nesse aspecto, a crise impulsionou nossos negócios e deve continuar assim, mesmo com a recuperação econômica".

Tiago Oliveira vê outras oportunidades no estágio "ainda embrionário" em termos de importância das marcas próprias no Brasil. "É um mercado com muito espaço para expansão. Para a indústria, significa uma excelente oportunidade de ganhar escala na produção e diluir o custo fixo da fabricação de seus produtos",

Na visão do gerente da Casa Maní há muitas vantagens financeiras em produzir marcas próprias para terceiros. "Valeria a pena continuar avançando nesse mercado por tratar-se de uma operação mais simples e com garantia de receitas".

Planejamento

Apesar da forte demanda, a presidente da Abmapro, Neide Montesano, aponta que as indústrias deverão se preparar para manter o nível de atividade no pós-crise com investimentos em mix de produtos e inovação.

"É necessário ter diversidade. Ir além do básico. Neste mercado, é preciso pensar que caso uma indústria não faça determinado produto de marca própria, a concorrente fará e ocupará aquele espaço."

De acordo com o analista da Kantar, as empresas que se destacam nesse segmento têm investido "em inovação, extensão de linhas e, principalmente, relação custo-benefício".

No entanto, ele pondera que não basta entregar qualidade com custo-benefício e contar com apoio do varejo se a fabricante não consegue entregar em grande quantidade. "A ruptura é sempre um dos maiores entraves para a demanda e compromete a fidelização desses produtos", acrescenta.

A diretora da LençoBrás, Alejandra Orenstein, conta que foi observando esses fatores e pesquisando tendências de consumo no mercado internacional que a empresa expandiu sua produção de e lenços umedecidos para o segmento de marcas próprias. "Aproveitamos esse momento para fidelizar nossa marca no mercado. A proposta é aliar inovação, qualidade e pontualidade no ponto de venda".

Para ela com investimentos em inovação é possível concorrer em igualdade com as marcas líderes de mercado. "Quando ocorre a percepção da qualidade, vemos que as marcas próprias são capazes de competir em igualdade. É isso que impulsiona nossos negócios na categoria", afirma Alejandra.

Costa, gerente da Casa Maní, comenta ainda que o varejista sempre vai procurar um fornecedor que já tem uma linha de produção pronta para atender as demandas dos consumidores, sobretudo em momentos em que grandes investimentos podem estar em um segundo plano. "É mais uma oportunidade de ter presença na gôndola", finaliza ele.

Editorial: Menos empresas

16/09/2016 – Fonte: O Estado de S. Paulo

Há dois anos, a crise em que o País continua mergulhado mal havia começado e ainda eram pouco visíveis seus efeitos sobre a atividade empresarial e a vida das pessoas. Há dois anos, a crise em que o País continua mergulhado mal havia começado e ainda eram pouco visíveis seus efeitos sobre a atividade empresarial e a vida das pessoas, mas ela já tinha poder para provocar graves danos, que só agora começam a ser aferidos com mais precisão.

Em 2014, depois de seis anos de saldo positivo, o número de empresas que entraram no mercado foi inferior ao daquelas que encerraram suas atividades. No resultado acumulado daquele ano, o Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro ainda registrou pequeno crescimento, de 0,1%, mas, no segundo semestre, já surgiam os sinais da recessão que se aprofundaria dali em diante.

Em 2015, o PIB teve redução de 3,8%; para este ano, projeta-se nova queda, próxima da registrada no ano passado. Por isso, os dados ruins de 2014, que compõem a mais recente edição da Demografia das Empresas, pesquisa elaborada anualmente pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), devem ter piorado nos dois anos seguintes.

Entre 2013 e 2014, o índice que o IBGE chama de taxa de saída – ou seja, a relação entre o número de empresas que encerraram sua atividade e o total de empreendimentos em operação no ano – passou de 14,6% para 20,7%. Com o aumento de 6,1 pontos percentuais em um ano, a taxa de saída de 2014 tornou-se a maior da série, iniciada em 2008.

Há dois anos foi registrado o surgimento de 726,3 mil novas firmas no País, mas foram extintos 944 mil CNPJs. Assim, o número total de empresas ativas, que vinha crescendo desde o início da série de pesquisa, numa demonstração do vigor da economia e da disposição empreendedora dos brasileiros, diminuiu de 4,78 milhões em 2013 para 4,58 milhões no ano seguinte. Em números mais precisos, houve uma redução de 217,8 mil empresas, um recuo equivalente a 4,6%.

A analista do IBGE Kátia Carvalho, integrante do grupo de técnicos responsável pelo estudo – que se baseia no Cadastro Central de Empresa (Cempre) do IBGE – considera esses números um "reflexo do início da fase mais complicada da crise que passamos a viver". Como a crise se intensificou desde então, os números dos novos estudos sobre o tema devem mostrar resultados piores.

A queda do número de empresas é generalizada, pois atinge praticamente todas as atividades econômicas classificadas pelo IBGE (16, entre 19 atividades pesquisadas).

Entre estas, as que apresentaram aumento nas taxas de saída estão as de serviço; de artes, cultura, esporte e recreação; de construção; e de informação e comunicação. Quanto às taxas de entrada no mercado, apenas as atividades de eletricidade e gás registraram aumento.

Elaborado para permitir a análise da dinâmica empresarial no País, o estudo contém, além de números de entrada e saída de empresas no mercado, dados sobre a reentrada de empresas e sua sobrevivência, pessoal ocupado como assalariado e estatísticas sobre empresas de alto crescimento.

Curiosamente, o estudo constatou que, apesar da redução do número de empresas, o pessoal assalariado ocupado aumentou 0,5%, de 35,05 milhões para 35,22 milhões de pessoas. Por causa do alto custo das demissões e das dificuldades na contratação de pessoal qualificado, as empresas resistem aos cortes. Mas, quando a crise persiste, como vem ocorrendo com a atual, são forçadas a reduzir o pessoal, como muito provavelmente mostrarão futuros estudos.

O IBGE constatou que a idade média das empresas ativas em 2014 era de 10,6 anos. A média é impulsionada por empresas com mais empregados, pois o que os estudos têm mostrado é que os empreendimentos que mais geram empregos tendem a permanecer mais tempo no mercado.

Em média, de cada dez empresas, seis encerram suas atividades antes de completar cinco anos. É provável que esse índice aumente, pois, na crise atual, o início de um empreendimento tem sido a alternativa escolhida por parte dos que perderam emprego, muitos dos quais o fazem sem a adequada preparação.

Fenaban mantém proposta salarial pela 3ª reunião seguida e bancários a rejeitam

16/09/2016 – Fonte: Gazeta do Povo



Em mais um dia de negociações frustradas, a Federação Nacional dos Bancos – Fenaban (braço sindical da Febraban, que representa os bancos) não apresentou nenhuma nova proposta aos bancários.

Na oitava rodada de negociações, os patrões mantiveram os 7% de reajuste salarial, mais abono de R\$ 3,3 mil – rejeitados em outras duas reuniões: 9 e 13 de setembro. Ainda não há data para a próxima.

A proposta não cobre a inflação do período - INPC de agosto fechou em 9,62% - e representa uma perda salarial de 2,39%.

Segundo o presidente da Confederação Nacional dos Trabalhadores do Ramo Financeiro (Contraf-Cut), Roberto Von der Oster, a indignação é crescente. “Estamos abertos à negociação, mas que venham com uma proposta justa”, comenta.

Segundo ele, 39% das negociações coletivas no Brasil deram reajuste abaixo da inflação. "Mas são setores que estão com dificuldades reais, e aí os patrões dividem o prejuízo com os trabalhadores. É compreensível. Não é o caso dessa classe, em que apenas os 5 maiores bancos do país lucraram em torno de R\$ 29,7 bilhões e reduziram quase oito mil postos de trabalho, nesse primeiro semestre", compara.

Fortalecimento

Neste décimo dia de greve, das 23.544 agências de todo o território nacional, 12.608 estão fechadas – o que representa em torno de 54% do total - e mais 49 centros administrativos.

No Paraná, 787 agências e nove centros administrativos estão fechados. No bairro Hauer, em Curitiba, o Centro Administrativo do HSBC teve as atividades paralisadas, hoje, com adesão de cerca de 2,5 mil funcionários.

No Paraná inteiro, são 17.800 bancários de braços cruzados. Os dados são da Federação dos Trabalhadores em Empresas de Crédito do Paraná (Fetec-CUT-PR), que representa 85% do total de trabalhadores do estado.

No noroeste do Paraná, a adesão à greve já atinge 90% das agências. Em Cornélio Procopio, 81% das 44 agências localizadas na cidade estão fechadas, representando paralisação de mais de 93% do total de funcionários. Em Londrina, 90,4% das agências da região estão fechadas: são 115 agências e quatro PABs sem funcionamento. 1.922 trabalhadores estão de braços cruzados.

As reivindicações dos bancários

16/09/2016 – Fonte: Bem Paraná

O QUE OS BANCÁRIOS PEDEM reajuste - 5% mais a inflação de 9,62% benefícios - R\$ 880 em vales-alimentação, refeição, 13ª cesta e auxílio-creche piso - R\$ 3.940,24 (equivalente ao salário mínimo do Dieese)

O QUE OS BANCOS OFERECEM reajuste - 7% sobre salário e benefícios abono - R\$ 3.300 piso - R\$ 2.856,31

BANCOS DURANTE A GREVE 1 - Pagar contas O cliente do banco pode utilizar internet banking e aplicativos para celular do banco para efetuar o pagamento. Para isso, confira se as senhas os aplicativos estão funcionando e vá a agências ainda não paralisadas para atualizá-las. Os caixas eletrônicos e correspondentes bancários, como agências lotéricas, Correios e até alguns supermercados também recebem pagamentos de contas.

Em caso de dificuldade, o cliente pode entrar em contato com a empresa e pedir alternativas para realizar o pagamento. É importante registrar o pedido, enviando por e-mail ou anotando o número de protocolo de atendimento. Caso o fornecedor não dê opções para pagar a conta, o consumidor deve usar esses documentos para reclamar junto a um órgão de defesa do consumidor.

2 - Transferências de dinheiro.

É possível fazer por internet banking, celular, caixa eletrônico e atendimento por telefone. Atenção: os valores das transferências podem ser limitados por esses canais, dependendo do seu perfil de renda e padrão de gastos.

Se existe a previsão de uma transferência nos próximos dias, procure uma agência que ainda esteja funcionando **3** - Investimentos e resgates Também podem ser feitos por internet, aplicativo, caixa eletrônico e central de atendimento por telefone.

Seja qual for o canal de atendimento, lembre-se de pesquisar o rendimento oferecido e as taxas cobradas para aplicar ou resgatar o dinheiro aplicado 4 - Empréstimos e financiamentos.

Os bancos também oferecem crédito pessoal em condições pré-aprovadas nas plataformas de atendimento eletrônico. Lembre-se, no entanto, que as taxas nessas modalidades costumam ser altas e devem ser usadas apenas em emergências.

Para quem precisa renegociar dívidas, os grandes bancos oferecem plataformas de renegociação sem atendimento ou então permitem o envio de propostas pela internet. A documentação para financiamento imobiliário é entregue na agência. Esse tipo de crédito tende a ficar suspenso durante a greve.

Greve completa dez dias com 17.800 funcionários paralisados

16/09/2016 – Fonte: Bem Paraná

São 787 agências fechadas e nove centros administrativos. Um dos centros do HSBC em Curitiba fechou hoje.

A greve nacional dos bancários chegou ao décimo dia consecutivo nesta quinta-feira (15). São 17.800 bancários em greve, 787 agências fechadas e nove centros administrativos. O Centro administrativo do HSBC do bairro Hauer, em Curitiba, teve suas atividades paralisadas hoje, com adesão de cerca de 2.500 funcionários. Os dados são da Federação dos Trabalhadores em Empresas de Crédito do Paraná (FETEC-CUT-PR), que representa 85% do total de bancários no Paraná.

Na última rodada de negociação, ocorrida nesta terça-feira (13), a Federação Nacional dos Bancos (Fenaban) apresentou a mesma proposta que já havia sido rejeitada pela categoria – reajuste de 7% nos salários, abaixo da inflação, e abono de R\$3,3 mil. Na tarde desta quinta-feira (15) deve acontecer nova rodada de negociação.

Na avaliação do secretário geral da FETEC-CUT-PR, Deonísio Venceslau Schmidt, a greve vem aumentando expressivamente em todo o Brasil. Ele diz que os bancários se preocupam com os transtornos gerados para a população, mas que as pessoas têm apoiado o movimento grevista porque entendem que de fato os banqueiros não exploram só os funcionários, mas todos os clientes e usuários do sistema financeiro.

Basta ver as taxas de juros cobradas e as altas tarifas diante da prestação de serviços cada vez piores.

“Se os banqueiros, mais uma vez, não vierem com uma proposta decente, vamos aumentar todas as formas de pressão que temos enrijecendo ainda mais a greve até chegarmos na total paralisação do sistema financeiro”, comunicou Schmidt.

Ele lembrou que o call center do Santander, em São Paulo, foi totalmente paralisado esta semana. Em Curitiba, os centros administrativos do Banco do Brasil (um na capital e outro em São José dos Pinhais, região metropolitana), Caixa Econômica Federal, Bradesco, Itaú, Santander e, agora, HSBC já estão fechados.

A proposta da Fenaban não cobre a inflação do período, já que o INPC de agosto fechou em 9,62% e representa uma perda de 2,39%. Os trabalhadores reivindicam reajuste salarial com reposição da inflação (9,62%) mais 5% de aumento real – salário mínimo calculado pelo Dieese (R\$3.940,24), PLR de três salários mais R\$ 8.317,90.

Além da valorização salarial, a categoria pede combate às metas abusivas, ao assédio moral e sexual, fim da terceirização, mais segurança, melhores condições de trabalho.

A proteção das empresas públicas e dos direitos da classe trabalhadora, assim como a defesa do emprego, também são prioridades para os bancários.

No noroeste do Paraná, a adesão à greve já atinge 90% das agências. A presidente do sindicato dos bancários de Campo Mourão e região, Nivalda Sguissardi Roy, cita que o comércio, mesmo com sucessivas quedas nas vendas, concedeu 11% de reajuste aos funcionários – índice acima da inflação.

Ela acredita que a população entende e apoia a luta dos bancários. Segundo a sindicalista, neste ano, a categoria está muito mais envolvida e tem ajudado os dirigentes sindicais nos piquetes.

“Neste ano, a adesão dos bancários está bem melhor, eles estão compreendendo a importância da luta coletiva da categoria e que realmente não podemos aceitar abono, queremos minimamente a reposição e aumento real porque é o justo e sabemos ser possível. O bancário, sim, tem respeito pelo cliente, mas os banqueiros não respeitam sequer os funcionários. Continuaremos firmes até o total fechamento do sistema financeiro na região”, disse Nivalda.

Em Arapoti e municípios vizinhos, no Norte Pioneiro do Paraná, das 49 agências bancárias, 33 estão fechadas. O presidente do sindicato dos bancários daquela região, Carlos Roberto de Freitas, comentou que a população nem está mais indo nas agências.

“A greve não é do sindicato é dos bancários. Se todos aderissem, já teríamos resolvido isso em três ou quatro dias. Mesmo assim, neste ano, já temos uma adesão muito maior que no ano passado. Se uma proposta digna não vier, vamos fechar 100% das agências da região”, prevê Freitas.

Trabalhadores dos Correios aceitam proposta e suspendem greve no PR

16/09/2016 – Fonte: Bem Paraná

Em assembleias realizadas na quarta-feira (14), a maioria dos trabalhadores dos Correios do Paraná aceitou a proposta da Empresa de Correios e Telégrafos – ECT e suspendeu a greve que teria início hoje a partir das 22 horas.

Na segunda-feira, a empresa apresentou nova proposta para a categoria que oferece 6% de reajuste agora e 3% de reajuste em fevereiro de 2017. Além disso, haverá incorporação de R\$100,00 que a categoria recebia como gratificação e o Acordo Coletivo de Trabalho será mantido como o do ano anterior.

Outro fator importante para a aceitação da proposta é que o presidente dos Correios, Guilherme Campos, garantiu registrar em ata que a estatal não será privatizada. Muitas reivindicações da categoria não foram atendidas, porém.

A proposta patronal não prevê concurso público, segurança nas agências, aumento do valor de quebra de caixa, fim da Distribuição Domiciliar Alternada e fim da cobrança do desconto do Postalís. O reajuste oferecido pela empresa também não oferece ganho real.

Maioria dos trabalhadores dos Correios aceita acordo, mas seis Estados têm greve

16/09/2016 – Fonte: R7

Vinte e cinco dos 36 sindicatos dos trabalhadores dos Correios, em todo o País, decidiram aceitar a proposta de reajuste oferecida pela empresa e não paralisar as atividades. No entanto, empregados da estatal em seis estados não fecharam acordo

e estão em greve: Ceará, Minas Gerais, Piauí, Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Sergipe.

De acordo com a estatal, com a negociação, 98,6% dos trabalhadores não aderiram à paralisação — o que corresponde a 114.667 empregados. As agências estão abertas e os serviços, inclusive a entrega de Sedex e o Banco Postal, estão funcionando.

Os sindicatos que aceitaram a proposta são dos estados do Acre, Alagoas, Amazonas, Amapá, Bahia, Distrito Federal, Espírito Santo, Goiás, Maranhão, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Pará, Pernambuco, Paraná, Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, Rondônia, Tocantins, além das cidades de Santos (SP), Bauru (SP), Campinas (SP), Ribeirão Preto (SP), Juiz de Fora (MG), Uberaba (MG) e região metropolitana de São Paulo.

Os sindicatos da Paraíba e dos municípios de Santa Maria (RS), São José do Rio Preto (SP) e Vale do Paraíba (SP) rejeitaram a proposta, mas não estão em greve, segundo os Correios.

Nas localidades em que a greve foi deflagrada, os Correios iniciaram um plano para garantir a manutenção da prestação dos serviços, com horas extras e mutirões, apoio de trabalhadores da área administrativa e realocação de empregados.

Proposta

O acordo deve ser assinado pelos sindicatos no início da próxima semana, segundo a assessoria dos Correios. Entre as principais cláusulas, estão o reajuste de 9%, a ser concedido em parcelas: 6% em agosto de 2016 e 3% em fevereiro de 2017; reajuste de 8,74% nos benefícios; e a manutenção das demais cláusulas do acordo coletivo 2015/2016, inclusive a que trata do plano de saúde.

Indústria torce pelo segundo semestre

16/09/2016 – Fonte: Bem Paraná

A indústria paranaense registrou, em julho, mais um indicativo de que ainda não deu início ao processo de recuperação.

Os três índices que compõem os Indicadores Conjunturais apresentados mensalmente pela Federação das Indústrias do Estado do Paraná (Fiep) — Vendas Industriais, Compras Industriais e Nível de Emprego — registraram retração nos primeiros sete meses do ano na comparação com o mesmo período do ano passado.

O alento, porém, encontra-se em dois itens avaliados pelo levantamento: horas trabalhadas e utilização da capacidade instalada, que registraram alta e estabilidade, respectivamente.

Somados à sazonalidade do segundo semestre, influenciado positivamente pela injeção de ânimo com o 13º salário e maior disposição para o consumo por conta das festas de fim de ano, o horizonte pode sinalizar um leve aumento nas vendas para os próximos meses.

Câmara só vota nova Previdência em 2017, diz Rodrigo Maia

16/09/2016 – Fonte: Folha de S. Paulo

O presidente da Câmara dos Deputados, Rodrigo Maia (DEM-RJ), afirmou que a proposta de reforma da Previdência que o presidente Michel Temer promete enviar ao Congresso neste mês só será votada em plenário em 2017.

Segundo ele, mesmo que o projeto chegue ao Legislativo no prazo prometido, o máximo que será possível fazer até dezembro será concluir a análise inicial da proposta, com a aprovação do texto pela comissão especial que a Câmara vai criar para debater o assunto antes do plenário.

Maia disse que sua prioridade zero será a aprovação na Câmara da proposta de emenda à Constituição que impõe um teto para o crescimento dos gastos públicos nos próximos anos, encaminhada por Temer em junho.

"A reforma da Previdência eu acho que eu termino na comissão até o final do ano", disse Maia à **Folha**. "A minha prioridade mesmo, que acho que para o governo e para o Brasil é fundamental, é a PEC do teto dos gastos. Se estiver com ela encerrada na Câmara e encaminhar bem a reforma da Previdência na comissão, acho que terei colaborado muito para o Brasil começar a recuperação econômica."

As duas propostas são essenciais para o esforço que o governo Temer tem feito para ajustar as contas públicas e criar condições para a retomada. Sem reformas que freiem os gastos da Previdência, os efeitos do teto dos gastos serão passageiros, de acordo com os economistas.

A PEC do teto, que limita por 20 anos a expansão dos gastos públicos à variação da inflação, chegou à Câmara em 15 de junho e está em análise numa comissão especial. Segundo Maia, ela deve estar pronta para ir a voto no plenário entre o fim de outubro e o início de novembro, logo após as eleições municipais.

Aliados pressionaram o Palácio do Planalto a enviar sua proposta de reforma da Previdência só após as eleições, por temer que mudanças impopulares nessa área sejam usadas contra os candidatos dos partidos governistas.

Temer anunciou que enviará o texto até o fim de setembro, seguindo conselho de seu ministro da Fazenda, Henrique Meirelles, para quem um adiamento seria danoso para a credibilidade do governo e a confiança dos investidores em sua capacidade de promover as reformas.

CENTRÃO

Maia chegou à presidência da Câmara em julho, após derrotar o candidato apoiado pelo chamado "Centrão", grupo de partidos de porte médio que também são aliados do governo e reúnem cerca de 200 dos 513 deputados.

Ele minimizou os rumores de rebelião desse grupo contra as propostas de Temer, mas reconheceu que sua meta corre risco: "São temas polêmicos, não depende só da minha capacidade de pautar, precisa ter voto", disse Maia.

Nesta quinta (15), Temer recebeu no Palácio do Planalto líderes dos partidos do "Centrão" para novamente pedir apoio a sua agenda legislativa. Os deputados prometeram apoio em público, mas nos bastidores a avaliação é que o grupo trabalhará para alterar as propostas de Temer.

Das 22 emendas apresentadas à PEC do teto, por exemplo, 13 são da base aliada de Temer. Muitas tentam garantir mais recursos para saúde e educação. O projeto do governo eliminar dispositivos da Constituição que garantem a essas áreas uma fatia das receitas do Orçamento.

O presidente da Câmara disse que, após o primeiro turno das eleições, devem ser votados pelo menos dois outros projetos de interesse do governo na área econômica.

O primeiro é o que flexibiliza as regras para a repatriação de recursos de brasileiros mantidos ilegalmente no exterior. Deputados querem diminuir o valor a ser pago a

título de multa e Imposto de Renda, além de permitir que políticos e seus familiares possam aderir ao programa.

O segundo é o projeto que desobriga a Petrobras de ser a única operadora da exploração dos blocos de petróleo do pré-sal. A medida é muito esperada pelo mercado e pela própria estatal, que enfrenta dificuldades financeiras.

Quem tem "direito adquirido" em caso de reforma da Previdência?

16/09/2016 – Fonte: Gazeta do Povo



A intenção do governo de mudar as regras da Previdência Social aumentou a ansiedade de milhões de brasileiros que já sonhavam com a aposentadoria. Se for aprovada a idade mínima de acesso ao benefício, principal objetivo da equipe de Michel Temer, a maior parte deles terá de trabalhar por mais tempo do que esperava.

O chamado "direito adquirido" tende a proteger da futura reforma apenas uma pequena parcela dos trabalhadores que estão na ativa: aqueles que já podem se aposentar pelas regras atuais, mesmo que ainda não tenham requerido a aposentadoria.

"Direito adquirido, e isso já foi enfrentado pelo Supremo Tribunal Federal, é quando a pessoa ou já está recebendo o benefício, ou já o requereu com base no direito que tem, ou ainda quando a pessoa preenche os requisitos mas ainda não requereu o benefício", diz Jane Berwanger, presidente do Instituto Brasileiro de Direito Previdenciário (IBDP).

Para a advogada, é pouco provável que o governo não respeite essas condições na reforma que pretende fazer. "Seria jogar para o Judiciário toda uma leva de situações, com grandes chances de derrota", avalia.

Assim, ainda que a aposentadoria por tempo de contribuição seja extinta, uma mulher que já tenha contribuído por 30 anos ao INSS quando a nova lei entrar em vigor terá direito a se aposentar, mesmo não tendo a idade mínima que a reforma eventualmente definir – que pode ser de 60, 62 ou até 65 anos, conforme diferentes declarações do governo.

No caso dos homens, a reforma tende a fixar a idade mínima de aposentadoria em 65 anos. Mas um trabalhador mais jovem que já tenha completado 35 anos de contribuição no momento da aprovação da reforma também poderá ter acesso ao benefício conforme a legislação atual.

Transição

Segundo a presidente do IBDP, o Supremo já definiu que o Legislativo não é obrigado a criar uma regra de transição para quem estiver perto de se aposentar. "Mas o Tribunal vê com bons olhos esse tipo de regra, porque ela não atinge de morte a expectativa de direito das pessoas", diz.

O problema é que a fórmula de transição planejada pelo governo Temer criaria um enorme "degrau" entre pessoas com idades próximas. A ideia do Executivo é que as novas regras valham desde já para quem tem até 50 anos, enquanto os mais velhos

cumpririam um adicional de 40% ou 50% sobre o tempo que restava para se aposentarem.

Assim, um homem de 51 anos que poderia se aposentar aos 55 terá de contribuir até os 57. Mas um colega de 50 anos terá de trabalhar até os 65, a nova idade mínima.

"Uma disparidade tão grande entre o direito de um e outro fere os princípios constitucionais da isonomia e da igualdade. Vai gerar uma avalanche de ações e sobrecarregar o Judiciário", defende Murilo Aith, sócio do escritório paulista Aith, Badari e Luchin.

Para o advogado, o governo não está se comunicando adequadamente com a sociedade. "Isso pode levar muitos trabalhadores a correr para se aposentar. Gente que poderia esperar um pouco para ter aposentadoria integral acabará requerendo já e terá seu benefício reduzido pelo fator previdenciário", diz.

Reforma da Previdência tem de ser dura e rápida, diz secretário do governo

16/09/2016 – Fonte: Folha de S. Paulo



O secretário de acompanhamento econômico do Ministério da Fazenda, Mansueto Almeida, defendeu nesta quinta-feira (15) que as discussões sobre a reforma da Previdência sejam rápidas. Segundo ele, o país vai envelhecer rápido e precisa de uma solução para controlar os gastos públicos.

Em palestra no Fórum Nacional, no Rio, Almeida frisou que a reforma da Previdência forma, com a PEC que limita o crescimento dos gastos, a base do ajuste fiscal proposto pelo governo Michel Temer.

A proposta em estudo eleva a idade mínima de 60 para 65 anos, para os homens, e de 55 para 60 anos, no caso das mulheres.

"O país tem que fazer uma reforma da Previdência dura e rápida", afirmou. "As pessoas vivem mais do que viviam há 40 anos. Um regime em que uma pessoa pode se aposentar aos 50 ou 52 anos não acontece em lugar nenhum do mundo", argumentou.

Mansueto admite, porém, que trata-se de um tema complexo, que vai demandar grandes discussões com o Congresso. "A PEC dos gastos é mais fácil, porque todo mundo é a favor. A previdência, precisa explicar mais", disse.

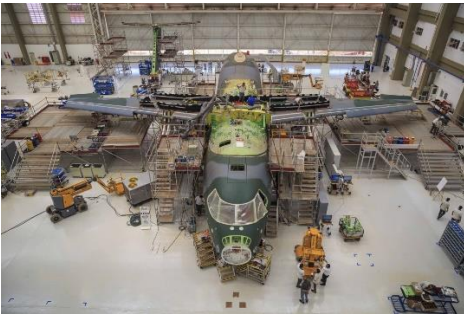
Segundo ele, a proposta de ajuste fiscal é a "menos dolorosa possível". As alternativas, disse, seriam aumento de impostos, calote na dívida ou mais inflação.

O secretário comentou, no entanto, que tem visto uma recepção "muito positiva" dos parlamentares ao ajuste e que esse cenário é fruto de maior coordenação dos ministérios no novo governo.

"O (ex-ministro da Fazenda) Joaquim Levy, que é um excelente economista, estava muito isolado. Não é o caso agora. O Planejamento e a Fazenda têm reuniões quase que diárias com a Casa Civil. Há uma discussão grande também com outros ministérios. Quando as coisas chegam no Congresso, já houve um trabalho interno de governo", afirmou.

Embraer confirma que 1.470 empregados se inscreveram em programa de demissão

16/09/2016 – Fonte: Gazeta do Povo



A Embraer confirmou que seu Programa de Demissões Voluntárias (PDV), encerrado na quarta-feira (14), concluiu o período de inscrições contabilizando um total de 1.470 empregados interessados.

Segundo a fabricante de aeronaves, a partir de agora as inscrições serão avaliadas pela empresa e os inscritos serão informados sobre a aceitação da adesão até o dia 23 de setembro.

Os empregados que tiverem a adesão ao PDV confirmada terão seu desligamento realizado na primeira semana de outubro.

“A Embraer acredita que o PDV dá oportunidade de decisão para os empregados e, desta forma, traz o menor impacto possível, por trazer um pacote de incentivos para aqueles que julgarem o momento propício para novos desafios profissionais ou pessoais”, disse a companhia, por meio de nota.

A Embraer anunciou em oito de agosto um PDV, como parte de uma série de medidas de redução de custos com objetivo de “superar o cenário desafiador enfrentado hoje pela indústria aeroespacial e garantir a perenidade da empresa”. O objetivo é economizar cerca de US\$ 200 milhões com o conjunto de medidas para a revisão de custos, incluindo o PDV.

O Sindicato dos Metalúrgicos de São José dos Campos e Região tem se declarado contrário ao PDV e considera que as demissões “são desnecessárias e fruto da política da desnacionalização da Embraer e do envolvimento da empresa num caso de corrupção”, afirma a entidade.

O valor estimado como meta de economia, de US\$ 200 milhões, é o mesmo montante provisionado pela companhia no segundo trimestre de 2016, relacionado à investigação nos Estados Unidos sobre alegação de “não conformidade” com o U.S. Foreign Corrupt Practices Act (FCPA).

Em seu balanço trimestral, a companhia explica que esse montante é uma estimativa de um “provável desfecho” de negociações, mas salienta que o valor ainda não foi “finalmente determinado”.

Desde 2010, a Securities and Exchange Commission (SEC) e o Departamento de Justiça dos Estados Unidos questionam a companhia por suspeitas de irregularidades na venda de aeronaves fora do Brasil.

Curitiba sedia semana que vem maior congresso de RH do estado

16/09/2016 – Fonte: Gazeta do Povo

Evento acontece nos dias 22 e 23 de setembro. Leandro Karnal e Ricardo Boechat estão entre os confirmados.



O maior evento de gestão de pessoas do Paraná já tem data marcada. A 14ª edição do Congresso Paranaense de Recursos Humanos será realizada nos dias 22 e 23 de setembro no ExpoUnimed, em Curitiba. Vários nomes conhecidos, como Leandro Karnal e Ricardo Boechat, estão confirmados. A programação integra diversas palestras, painéis de metodologias, cases empresariais e talk-shows.

O tema desta edição é "A organização que eu quero ter: caminhos a percorrer". Durante os dois dias de evento, profissionais da área permearão assuntos pertinentes à temática, como remuneração, dinâmicas de grupo, empreendedorismo social, os desafios das instituições de ensino superior no Brasil, governança corporativa e ética. Entre as atividades previstas, está um debate sobre as perspectivas do cenário político-econômico no Brasil.

O economista Gustavo Loyola e o advogado e ex-senador Pedro Simon debaterão a atual conjuntura brasileira em um talk show mediado pelo jornalista Ricardo Boechat, na sexta-feira (23). A ideia é buscar uma compreensão das implicações desse contexto no mercado de trabalho.

Busca pela excelência

O congresso é realizado pela Associação Brasileira de Recursos Humanos do Paraná. Segundo a presidente da instituição, Susane Zanetti, o evento é um caminho para entender o que pode levar um setor de gestão de pessoas à excelência. "Uma das respostas é se conectar com as expectativas da alta liderança, entendendo do negócio e selando alianças com todos os atores da organização", salienta.

As inscrições devem ser feitas [pela internet](#) para um ou dos dias do evento, com preços especiais para professores, estudantes e associados à ABRH. Os valores variam entre R\$ 400 e R\$1,7 mil.

Fiat Chrysler convoca recall de 1,9 mi de veículos por problemas em airbag

16/09/2016 – Fonte: Gazeta do Povo

A Fiat Chrysler informou nesta quinta-feira (15) que fará o recall de 1,9 milhão de veículos mundialmente por um defeito de airbag que pode ter deixado três mortos e cinco feridos.

O recall é para resolver um defeito que pode prevenir a abertura dos airbags e pré-tensores dos cintos de segurança em alguns acidentes. O recall inclui modelos vendidos entre 2010 e 2014 -entre eles o Chrysler Sebring, 200, Dodge Caliber, Avenger, Jeep Patriot e Compass.

De acordo com a empresa no Brasil, o único modelo que chegou ao país, em baixa quantidade, foi o Jeep Compass. A empresa ainda não foi notificada se o problema afetou algum veículo vendido no Brasil.

O episódio é o mais recente em uma série de recalls da indústria automobilística por questões relacionadas a airbags.

GM A General Motors anunciou na sexta-feira (9) que faria recall de quase 4,3 milhões de veículos no mundo devido a um defeito em um software que pode, em circunstâncias raras, impedir que os airbags sejam acionados durante um acidente - problema que foi relacionado a uma morte e três feridos.

São aproximadamente 3,6 milhões de veículos nos Estados Unidos e 640 mil de automóveis vendidos em outros países. De acordo com a empresa, o problema não afeta o Brasil.

A montadora de Detroit disse que o recall de picapes, carros e utilitários esportivos dos anos-modelos 2014-2017 não teriam impacto significativo em seus resultados financeiros.

Entre os modelos chamados para revisão estão: Buick LaCrosse 2014-2016, Chevrolet SS, Spark EV, Buick Encore 2014-2017, GMC Sierra, Chevrolet Corvette, Trax, Caprice, Silverado, Chevrolet Tahoe 2015-2017, Suburban, Silverado HD, GMC Yukon, Yukon XL, Sierra HD, Cadillac Escalade e Escalade ESV.

Presidente do Sebrae defende que governo apoie terceirização

16/09/2016 – Fonte: Tribuna PR

Após uma reunião com o ministro da Casa Civil, Eliseu Padilha, e com representantes empresariais e de trabalhadores do setor de prestação de serviços, no Palácio do Planalto, o presidente do Sebrae, Guilherme Afif Domingos, disse que veio mostrar ao governo a necessidade de definição do conceito de terceirização.

Segundo Afif, as micro e pequenas empresas são "altamente interessadas" na regulamentação e modernização da legislação trabalhista. "Terceirização é um fato de geração de emprego e, por favor, não venham me dizer que é precarização de emprego. A precarização é a falta de emprego", afirmou.

De acordo com Afif, Padilha não fez promessas e apenas ouviu os argumentos e demandas do setor. O ministro ficou ainda de levar a demanda ao presidente Michel Temer

Fontes do governo, entretanto, dizem que o governo já decidiu adiar os debates relacionados à Reforma Trabalhista para o ano que vem. O foco do governo nestes primeiros meses de efetividade é a PEC do teto dos gastos e a Reforma da Previdência. A avaliação de interlocutores do Planalto é de que o tema seja deixado para depois para evitar um desgaste maior.

Segundo uma fonte do Planalto, a ideia no momento em relação à reforma trabalhista é usar os projetos já em andamento no Congresso. Ou seja, diferente da Reforma da Previdência, que o projeto será formulado pelo governo, no caso da trabalhista a ideia é que o governo não seja o formulador da proposta.

Sob o Ministério das Relações Exteriores, Apex ganha apoio de embaixadas

16/09/2016 – Fonte: Tribuna PR

Agora sob o comando do Itamaraty, a Agência Brasileira de Promoção de Exportações e Investimentos (Apex) terá o apoio das embaixadas do Brasil ao redor do mundo na realização de suas feiras e eventos no exterior.

As ações antes executadas pela Apex passarão a ter a batuta do departamento de promoção comercial na embaixada de onde o evento é realizado. O Brasil tem 104 setores de promoção comercial – os Secom’s – localizados em suas embaixadas e consulados. Na prática, a mudança dá maior capilaridade à atuação da Apex, já que sua estrutura é de apenas dez escritórios.

“Existe um grupo de trabalho interno que está tratando de formalizar e tornar isso permanente na nova estrutura em que a Apex pertence ao Itamaraty”, informou André Marcos Fávero, diretor da agência, após participar, na capital paulista, do evento de divulgação do Encontro Nacional de Comércio Exterior, a ser realizado entre 23 e 24 de novembro no Rio de Janeiro. “Algumas ações antes não passavam pelos Secom’s. Agora, toda ação organizada pela Apex terá o envolvimento dos Secom’s”, acrescentou.

No rearranjo feito após a agência ser transferida do Ministério do Desenvolvimento para o Ministério das Relações Exteriores, o papel da Apex passa a ser mais centrado na elaboração, a partir de Brasília das ações de promoção comercial, definindo, por exemplo, setores envolvidos e os mercados onde os eventos serão realizados.

Fávero conta que existe a possibilidade de que algumas embaixadas tenham representantes da Apex, mas essa não será a regra. “Não haverá representantes da Apex em todos os Secom’s. Os diplomatas passarão por treinamento com maior viés de promoção comercial. Só em alguns postos-chave poderemos ter estrutura conjunta com Itamaraty”, adiantou.

Fitch vê risco de piora da nota do Brasil

16/09/2016 – Fonte: Tribuna PR

A agenda de política econômica do governo de Michel Temer, a trajetória de crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) e, principalmente, a eficácia das medidas de ajuste fiscal no País para corrigir o crescimento da dívida pública estão entre os fatores que a agência de classificação de risco Fitch Ratings vai avaliar nos próximos meses no Brasil para determinar sua nota de crédito, disse a diretora para América Latina, Shelly Shetty.

A crise política e a crise econômica levaram o Brasil a ter três rebaixamentos da nota soberana em cerca de um ano, disse a diretora na conferência anual de ratings soberanos da Fitch na quinta-feira, 15, em Nova York.

“Olhando para frente, ainda vemos riscos de piora dos ratings da América Latina”, disse ela, citando além do Brasil problemas em outros países da região, como Equador, Argentina e Bolívia. Ela destacou como uma questão comum em várias economias da região a piora fiscal, com a dívida dos governos em alta, além de piora do ambiente político em vários mercados.

A América Latina está entrando em seu segundo ano de contração econômica e deve ter retração na casa de 1% este ano. Ao todo, seis países da região estão em recessão e a expectativa é que o Brasil volte a crescer em 2017, mas ainda em ritmo abaixo da tendência. “No Brasil, houve intensa contração do investimento por conta das incertezas políticas e econômicas”, afirmou Shelly.

“A capacidade de resposta da política econômica e a credibilidade das ferramentas macroeconômicas serão críticas para determinar a trajetória do rating”, disse Shelly, destacando que a análise vale não só para o Brasil, mas para outros países com situação mais complicada na América Latina. “Perspectivas de crescimento do PIB e trajetória da dívida são outros fatores.”

“Vamos olhar a agenda de política econômica de novos governos na região”, ressaltou a diretora da Fitch, citando Brasil, Argentina, Peru e República Dominicana. No caso brasileiro, Shelly destacou que um ponto que será especialmente monitorado é a eficácia do ajuste fiscal. “Vamos olhar como os desafios na política têm impacto na implementação e execução de políticas econômicas.”

Fiat investe mais de R\$ 1 bi no Uno 2017

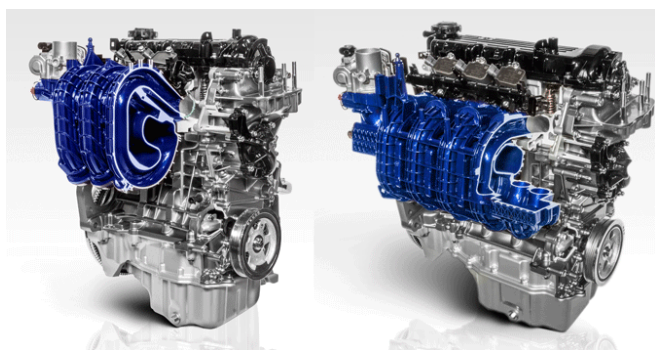
16/09/2016 – Fonte: Automotive Business



A Fiat investiu mais de R\$ 1 bilhão na linha Uno 2017. O carro recebeu como principal mudança dois novos motores, um 1.0 de três cilindros com até 77 cavalos e um 1.3 de quatro cilindros e até 109 cv. O preço inicial é de R\$ 41.840. Esses propulsores consumiram a maior parte do investimento.

Eles são feitos dentro da fábrica de automóveis em Betim (MG), onde a montadora ampliou a seção de motores para 22 mil metros quadrados, instalou 186 novos robôs e aumentou a capacidade produtiva para 400 mil unidades por ano. Dos 18,5 mil trabalhadores da Fiat, cerca de 2 mil atuam ali.

Essa nova família de motores é chamada Firefly. Tanto o 1.0 como o 1.3 utilizam apenas duas válvulas por cilindro. Segundo a Fiat, essa receita foi a que trouxe o melhor compromisso entre dirigibilidade e consumo. A taxa de compressão adotada para ambos é bem alta, 13,2:1, e certamente ajudou na redução de consumo. Ambos conseguiram letra A em eficiência energética.



Firefly 1.0 de 3 cilindros (esq.) produz até 77 cv com etanol e versão 1.3 de 4 cilindros chega a 109 cv. Os dois obtiveram letra A em eficiência energética. Têm comando único no cabeçote, 2 válvulas por cilindro e partida a frio sem tanquinho.

Na cidade o Uno 1.0 faz 13,11 km/l com gasolina e 9,24 km/l com etanol. Na estrada esses números sobem para 15,14 km/l (g) e 10,40 km/l (e). Os resultados do 1.3 são bem parecidos. Em meio urbano ele faz 12,89 km/l com gasolina e 9,17 km/l com etanol.

Em uso rodoviário alcança 14,05 km/l (g) e 10,14 km/l (e). Os motores Firefly têm sistema de partida a frio sem tanquinho e utilizam recursos que ajudam a baixar o consumo. O eletroventilador e a bomba de combustível do 1.0 e do 1.3 têm funcionamento variável sob demanda. O 1.3 recebe ainda alternador inteligente (que só envia carga à bateria se necessário) e sistema start-stop.

Esses dois motores da família Firefly têm comando único no cabeçote acionado por corrente metálica. A peça é produzida pela BorgWarner em Itatiba e substitui as

correias dentadas de borracha, em regra menos duráveis. Os motores utilizam variador de fase, que altera o sincronismo do comando de válvulas conforme a faixa de rotação para melhorar ora a potência, ora o torque.

Desde a versão de entrada, Attractive 1.0, o Uno 2017 traz de série ar-condicionado, vidros elétricos dianteiros, travamento central das portas e direção agora com assistência elétrica em vez de hidráulica, que inclui um botão no painel com a função City, que reduz em cerca de 50% a força necessária para esterçar o volante em manobras de estacionamento.

Os carros estarão na rede no início de outubro: "Estimamos vender cerca de 3 mil unidades por mês", afirma o diretor de produto para a América Latina, Carlos Eugênio Dutra. Desse total, 45% serão da versão Attractive.

A Fiat também realizou mudanças na dianteira do Uno e aplicou peças plásticas sob o carro para diminuir o arrasto aerodinâmico. Somente com isso conseguiu redução de 0,9% no consumo de combustível.

Pneus verdes fornecidos pela Goodyear (Efficientgrip) e Pirelli (Scorpion) contribuíram para a redução de consumo e emissões em 1,1%. Somadas todas as grandes e pequenas mudanças, o Uno 1.0 Firefly tornou-se 14,4% mais econômico que o anterior.

A troca de motor respondeu por 9,2% dessa melhora. No caso do 1.3 a economia de combustível é de 16,7% ante o carro anterior e o novo motor colaborou com 6,7% dessa economia quando comparado ao antigo, que era 1.4.



Sporting 1.3 é a versão mais completa. Tem preço inicial de R\$ R\$ 49.340 e pode ser equipada com câmbio automatizado Dualogic.

A versão topo de linha Sporting recebe como equipamentos de série chave canivete com comando a distância (abertura e fechamento das portas e vidros elétricos), console porta-objetos no teto, detalhes internos vermelhos (maçanetas, quadro de instrumentos e partes do volante), faróis de neblina, ponteira de escape dupla e outros itens.

Entre os opcionais há câmbio automatizado Dualogic, alarme antifurto, apoia-braço central no banco do motorista, cinto de segurança traseiro central retrátil de três pontos, rádio Connect integrado ao painel com entrada USB/AUX, viva-voz Bluetooth e função Audio Streaming, assistente de partida em rampa com controles de estabilidade e de tração e sensor de estacionamento traseiro com visualizador gráfico.

Vale dizer que os propulsores 1.0 e 1.4 Fire antigos continuam sendo fabricados em Betim e equipando outros modelos da Fiat, assim como os E-Torq 1.6 e 1.8 produzidos em Campo Largo (PR). A Fiat ainda faz segredo sobre qual será o próximo modelo a receber a nova família Firefly.

Veja abaixo os preços iniciais das novas versões:

Attractive 1.0 – R\$ 41.840;

Way 1.0 – R\$ 42.970;

Way 1.3 – R\$ 47.640;

Way 1.3 Dualogic – R\$ 51.990;

Sporting 1.3 – R\$ 49.340;

Sporting 1.3 – R\$ 53.690.

Fiat vive pior crise de sua história

16/09/2016 – Fonte: Diário do Comércio

Em pleno ano em que a Fiat Chrysler Automóveis (FCA) completou 40 anos no Brasil, com sua planta em Betim, na Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH), a montadora vive sua pior crise.

A FCA perdeu a liderança no mercado de automóveis e comerciais leves, posição que ocupava há 12 anos, viu suas vendas recuarem 35% e a produção cair 30% em relação a 2015. Além disso, a plataforma mineira opera com ociosidade entre 40% e 50%.

“Talvez, historicamente, essa foi a maior perda de mercado que tivemos e achamos que o fundo do poço foi atingido”, afirmou o presidente da FCA na América Latina, Stefan Ketter, ontem, em conversa com jornalistas, durante a apresentação da nova plataforma industrial responsável pela fabricação dos novos motores Firefly, em Betim.

Keffer revelou que a produção da planta, desde o começo do ano até o momento, já é 30% menor do que a do mesmo período de 2015. E, pior, quando comparada aos níveis de 2011 ou 2012, quando o mercado estava aquecido, a produção caiu pela metade. A ociosidade hoje na unidade varia entre 40% e 50%, segundo ele.

Em termos de vendas, de janeiro a agosto, os emplacamentos de automóveis e comerciais leves da Fiat somaram 202 mil veículos contra 310,8 mil nos mesmos meses de 2015, uma redução de 35%. A FCA vendeu 108,8 mil carros a menos neste exercício, com base nas informações da Federação Nacional da Distribuição de Veículos Automotores (Fenabrave).

Não é à toa, e nem de hoje, que a Fiat tem adotado uma série de medidas para tentar compensar a queda nas vendas e a perda da liderança de mercado. Desde 2014, a FCA tem dado férias coletivas aos funcionários, feito paradas técnicas de produção e, por último, até licença remunerada, sempre sob a justificativa de ajustar a produção e estoques à demanda.

Só neste ano, a Fiat concedeu férias coletivas por duas vezes e licença remunerada uma vez, a primeira da sua história. A montadora também enfrentou problemas com fornecedores, chegando a ter a produção paralisada na unidade mineira em maio. Mesmo assim, Ketter descartou demissões em grande número.

“Essa fábrica não é regida somente por momentos críticos e, se assim fosse, seria tarde demais. Essas medidas são decididas anualmente e isso é muito importante. Essa planta vai para frente e não tem nada de extraordinário planejado no sentido contrário”, pontuou o executivo.

Questionado sobre uma possível transferência da área administrativa da montadora para São Paulo, Ketter negou que exista essa possibilidade. Porém, ele explicou que, “naturalmente”, a empresa deve sim ampliar sua atuação comercial e de comunicação em outros estados. “Minas é muito importante, sem dúvida, mas os mercados não

estão só aqui. Estamos falando aqui em aspectos comercial e de comunicação, por exemplo”, disse.

Hyundai confirma a produção do Creta no Brasil

16/09/2016 – Fonte: Automotive Business

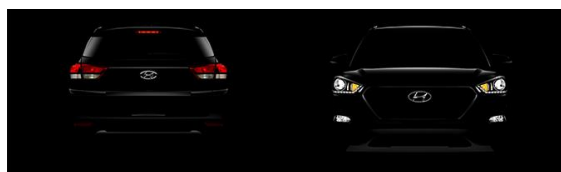


A Hyundai confirmou que fabricará o SUV Creta na planta brasileira de Piracicaba, no interior de São Paulo. A montadora distribuiu teaser do modelo e adiantou que a versão nacional terá novidades em equipamentos e design, com mudanças na comparação com o utilitário esportivo vendido em países como Índia, Rússia e nos vizinhos da América do Sul.

Com início das vendas prometido para 2017, a Hyundai aponta que o Creta feito no Brasil terá visual mais “robusto e imponente”. O objetivo, informa a fabricante, é combinar as características do veículo com as preferências do consumidor local e repetir o sucesso alcançado com o HB20, que chegou à vice-liderança de vendas no mercado brasileiro entre janeiro e agosto deste ano, com 75,8 mil unidades emplacadas.

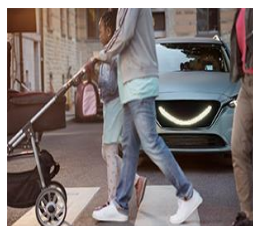
O Creta vai entrar na briga do já disputado segmento de utilitários esportivos compactos, com concorrentes como Jeep Renegade, Honda HR-V e Nissan Kicks. Mesmo com a queda dos volumes por causa da crise que afeta o setor, estes modelos ganham cada vez mais participação no mercado brasileiro.

Com o novo veículo, a Hyundai enfim passa a produzir uma nova plataforma em Piracicaba. Inaugurada há quatro anos, a linha de montagem nacional só fazia modelos da família HB20 até então: o hatchback, o sedã HB20S e o aventureiro HB20X. A linha foi desenvolvida para o mercado brasileiro sobre a plataforma do compacto i20. Já o Creta usa a mesma base do Elantra e terá outro conjunto de motor e transmissão.



Semcon quer melhorar sinalização dos carros autônomos

16/09/2016 – Fonte: Automotive Business



A evolução tecnológica do carro autônomo vai tão bem que modelos autoguiados já começam a ganhar as ruas. A Semcon, especializada em serviços de engenharia e tecnologia, aproveita o momento e concentra esforços em melhorar a relação destes veículos com os pedestres.

Pesquisa realizada pela empresa em parceria com a Inizio aponta que, quando um automóvel freia para uma pessoa atravessar a rua, 80% dos transeuntes fazem contato visual com o motorista antes de cruzar a via.

Essa relação de confiança é quebrada quando não há um condutor. No mesmo levantamento, 47% dos pedestres afirmaram não confiar em carros autônomos. Pensando nisso a Semcon desenvolveu o conceito The Smiling Car, um carro que interage com as pessoas com um simpático sorriso.

O gesto aparece em um monitor na dianteira do veículo, próximo à grade, para sinalizar que o automóvel detectou o pedestre e vai parar a uma distância segura para que ele atravesse a rua.

“Muitas das discussões sobre autônomos são a respeito da tecnologia. Mas é importante pensar em como esses carros irão interagir com as pessoas desprotegidas nas ruas. Os veículos precisam se comunicar de uma maneira que seja familiar e inspire confiança”, destaca em comunicado Karin Eklund, responsável pela área de experiência do consumidor da Semcon.

O conceito foi baseado no que a empresa chama de desenvolvimento guiado pelo comportamento humano. A ideia, aponta a companhia, é aproveitar códigos que as pessoas já utilizam e estão acostumadas no lugar de fazer um desvio por causa da tecnologia.

Concluída a primeira etapa de testes, a empresa pretende agora evoluir o Smiling Car com a instalação de sensores Lidar no carro, tecnologia que mapeia ambientes com pulsos de luz e tem alta precisão. Com a novidade, o veículo será capaz de identificar movimentos de cabeça ou dos olhos dos pedestres, melhorando ainda mais a interação.

FOCO EM AUTOMAÇÃO

Segundo a Semcon, o conceito é o primeiro passo na estratégia de longo prazo da companhia para criar um padrão internacional de como os carros autônomos devem se comunicar com o entorno. A empresa trabalha ao lado de diversos parceiros da indústria automotiva e com o instituto Viktoria Swedish, voltado a pesquisas na área de mobilidade.

A companhia estima que, até 2020, mais de 10 milhões de veículos com algum nível de automação estarão em circulação em todo o mundo. O trabalho de pesquisa da Semcon nesta área inclui uma iniciativa no Brasil, onde a empresa desenvolve software para veículos autoguiados.

Grupo PSA firma parceria para produzir carro com impressão 3D

16/09/2016 – Fonte: Automotive Business

Substituir a produção convencional das partes e componentes de um carro por impressão 3D não parece mais um sonho tão distante. É isso que indica o Grupo PSA, que assinou carta de intenções com a Divergent 3D.

A empresa é responsável pela criação de uma plataforma de manufatura automotiva baseada na tecnologia que promete redução drástica do desperdício de materiais, de energia e, conseqüentemente, dos custos.

Comunicado distribuído pelo Grupo PSA lembra que a indústria tem uma série de programas-piloto que usam a impressão 3D no desenvolvimento e na produção, mas em pequena escala.

Com o acordo, a companhia pretende transformar todo o processo da concepção à fabricação de veículos com a tecnologia. Segundo a fabricante, o plano é ganhar eficiência e chegar a carros mais seguros e com menor impacto ambiental.

Carlos Tavares, presidente global do Grupo PSA, declarou ter se impressionado com as possibilidades apresentadas pela Divergent 3D. "Estaremos entre os líderes do processo de fabricação automotiva.

Dispomos do potencial necessário para otimizar nossa estrutura industrial, reduzir o peso total do veículo e a complexidade de fabricação, ganhando uma flexibilidade quase infinita em termos de concepção. Trata-se de uma transformação radical para nossa atividade."

CoroPlus traz conectividade para a indústria da manufatura

16/09/2016 – Fonte: CIMM

A Sandvik Coromant, empresa líder na fabricação e comercialização de ferramentas de corte e sistemas de fixação, lança o CoroPlus™ na IMTS 2016, em Chicago - um pacote de soluções IoT (Internet of Things - Internet das Coisas) para auxiliar as fábricas a entrarem para a Indústria 4.0.

O conceito foi especificamente projetado para melhorar o controle da produtividade e os custos por meio de uma combinação de usinagem conectada, acesso a dados de fabricação e conhecimento em usinagem.

O CoroPlus™ foi o nome dado a uma nova plataforma de software e ferramentas conectados abrangendo, basicamente, tecnologias que podem enviar e receber dados. O conceito torna possível reduzir desperdício de dados e melhorar os processos de fabricação, da pré até a pós-usinagem, através do uso de tecnologia conectada e conhecimento em usinagem da Sandvik Coromant.

"Usuários podem acessar não apenas os produtos e dados de aplicação da Sandvik Coromant, através de hardware e software conectados, mas por meio de ferramentas equipadas com sensores, eles podem fazer ajustes, controlar e monitorar o desempenho da usinagem em tempo real", explica Göran Näslund, responsável por Usinagem Digital na Sandvik Coromant.

"Toda a fábrica pode ser controlada através de painéis de dados precisos localizados na própria fábrica, via dados na nuvem, bem como pela integração com o ambiente de fábrica e software do próprio usuário. O CoroPlus™ se conecta aos ambientes de software via APIs abertos, proporcionando qualidade na precisão de dados e conectividade de mão dupla."

O principal benefício para gerentes de produção é que o CoroPlus™ torna possível otimizar a manufatura devido a um melhor entendimento e insight sobre o que está acontecendo no chão de fábrica e nos processos de usinagem, tanto no nível micro quanto macro.

Da perspectiva da programação CAM, a conexão com dados precisos de aplicação e de ferramentas significa que recomendações podem ser adaptadas para tarefas específicas.

Também há vantagens para os operadores, pois os processos de usinagem podem ser monitorados remotamente. Além disso, ferramentas equipadas com sensores podem ser controladas para garantir que quebras sejam evitadas e o desempenho garantido, em virtude de dados inteligentes, coletados durante o processo de usinagem.

A oferta atual abrange soluções de painéis de dados, soluções de software como o CoroPlus™ ToolGuide e a Biblioteca de Ferramentas Adveon™, bem como as ferramentas Silent Tools™+, CoroBore®+, e o sistema IoT de monitoramento da máquina, o Promos 3+.

"Com o CoroPlus™ estabelecemos parcerias com fabricantes de máquinas, empresas fornecedoras de sistemas em nuvem e de monitoramento de máquinas", complementa Göran. "Dessa forma nós podemos auxiliar os usuários a capitalizar em cima dos novos desenvolvimentos tecnológicos. Nosso papel é aumentar a produtividade e a flexibilidade através de avanços tecnológicos que geram valor na usinagem digital."

O CoroPlus está em exposição na IMTS 2016, realizada de 12 a 17 de setembro, em McCormick Place, Chicago, EUA.

Gerdau aposta em exportações após investimento em aços planos em usina de Ouro Branco (MG)

16/09/2016 – Fonte: CIMM

A Gerdau, maior produtora de aços longos das Américas, está contando com exportações de produtos siderúrgicos planos não convencionais e uma parceria em coleta de dados com a General Electric para enfrentar a crise do mercado global de aço e a queda na demanda doméstica.

A companhia afirmou que metade da produção da usina de Ouro Branco (MG) está sendo exportada. A crescente produção de bobinas laminadas a quente e chapas grossas na usina está conquistando novos clientes na Inglaterra e Alemanha, disse Rodrigo Soares, diretor industrial da Gerdau, durante visita da imprensa à unidade, na quarta-feira (14).

"A demanda brasileira está ruim, então precisamos exportar", disse o executivo. "Ser capaz de vender tanto da produção no exterior mostra que podemos competir internacionalmente em preço e qualidade."

A Gerdau planejou a expansão em aços planos da usina de Ouro Branco, um projeto que consumiu 1,5 bilhão de dólares, durante os anos de crescimento acentuado do país. O Brasil enfrenta agora a pior recessão em décadas, e a indústria é afetada também pelo excesso de capacidade produtiva mundial. Agravando o quadro, grandes clientes no país estão envolvidos nos desdobramentos da operação Lava Jato.

Historicamente, os produtores de aços planos do Brasil exportam cerca de um terço da produção durante crises domésticas. A produção de aços planos e exportações elevadas são uma mudança para a Gerdau, grupo tradicionalmente conhecido por aços longos, como vergalhões para construções.

A linha de laminados a quente da Gerdau em Ouro Branco, aberta em 2013, está operando quase à capacidade plena de 800 mil toneladas por ano, disse Soares. A linha de chapas grossas, aberta em julho deste ano, vai processar cerca de 100 mil toneladas por ano do produto, 1 décimo de sua capacidade de 1,1 milhão de toneladas anuais. Ambas as unidades usam placas produzidas no alto-forno da usina, de 4,5 milhões de toneladas por ano de capacidade.

Apesar do real desvalorizado tornar os produtos de Ouro Branco mais competitivos quando vendidos no exterior em dólares, a empresa atraiu ações antidumping nos Estados Unidos. Como resultado, as exportações para o país estão baixas, disse Soares.

O executivo comentou que apesar de Ouro Branco ser distante de portos exportadores do país, a unidade ainda é competitiva para os mercados de exportação uma vez que

está a alguns quilômetros de minas de produção de minério de ferro de alta qualidade, o que reduz o custo de matéria-prima.

Acompanhamento via sensores

A Gerdau contratou a GE para instalar em suas usinas no Brasil e nos EUA milhares de sensores e software de coleta de dados para antecipar custosas paralisações de unidades para manutenção.

Segundo Soares e a GE, é a primeira vez que tal sistema é instalado na indústria siderúrgica global. No Brasil, o projeto envolve 600 ativos e 11 unidades industriais até o final do ano que vem. Um projeto piloto já está em andamento na usina de Ouro Branco.

O projeto, que é uma parceria exclusiva entre a GE e a Gerdau durante alguns anos, vai custar 5 milhões de reais e vai economizar 15 milhões de reais por ano, disse Soares.

Walker comemora 20 anos de Brasil e anuncia ampliação da fábrica

16/09/2016 – Fonte: CIMM

No mês em que comemora 20 anos de atuação no Brasil, a Walker, subsidiária da Tenneco, anuncia a ampliação da sua unidade fabril em Mogi Mirim (SP). Com as obras, que começaram em março deste ano e acabam de ser finalizadas, a fábrica ganha uma nova área útil de cerca de mil m². A ideia é que o novo espaço abrigue a produção de uma nova linha de produtos prevista para 2017.

Referência como produtora de sistemas de exaustão, a Walker se consolidou no País como uma das principais fabricantes do mercado automotivo. “O balanço desses 20 anos é altamente positivo. Foi um período bastante desafiador, mas também de muito amadurecimento e conquistas, que nos faz enxergar boas perspectivas de crescimento”, analisa Rampazzo, Diretor de Engenharia e Vendas da Tenneco Sistemas de Exaustão.

Tradição

Desde 1996, quando a marca chegou ao Brasil, o País passou por diferentes leis de emissões, tanto para veículos leves, quanto para pesados; mudanças que pediram rápidas soluções tecnológicas e que serviram de combustível para que a marca estabelecesse aqui a sua base de desenvolvimento para a região.

“Hoje atendemos com qualidade e excelência as mais diversas montadoras globais instaladas em território nacional. Nesses 20 anos de história, pudemos entender as necessidades locais de nossos clientes e oferecer produtos altamente competitivos em um mercado com características distintas”, avalia o diretor.

Com mais de 4 mil tipos de escapamentos em seu portfólio, a Walker tem como principal diferencial a qualidade de seus produtos, que atendem as mais rígidas normas das montadoras, além de contar com um rigoroso sistema de qualidade da própria marca, que controla desde a concepção técnica dos componentes até o processo de produção, que ocorre com equipamentos de última geração.

Volkswagen aposta em segurança cibernética

16/09/2016 – Fonte: CIMM

A possibilidade de aumento da vulnerabilidade dos automóveis a ataques cibernéticos levou a Volkswagen e três especialistas israelenses a criar em conjunto a empresa de segurança Cymotive Technologies.

A companhia irá desenvolver soluções para proteger sistemas e informações em carros conectados, necessidade crescente da indústria automotiva.

A montadora recorda que os automóveis modernos permitem a utilização de vários recursos, mas esse aumento de interatividade e de interfaces traz também maior risco de invasão por hackers e possibilidade de acidentes. Diante disso, a iniciativa pretende impedir que criminosos comandem funcionalidades ou até mesmo assumam o controle de um carro à distância.

Durante a assinatura do acordo, o chefe de desenvolvimento de recursos elétricos e eletrônicos da VW, Volkmar Tanneberger, afirmou: "Os carros estão cada vez mais integrados à internet e por isso precisamos expandir nossos conhecimentos em segurança nesse campo para enfrentar os desafios da próxima década. A Cymotive Technologies é um investimento de longo prazo para tornar mais seguros os veículos e o ambiente à sua volta."

A nova companhia tem escritório em Tel Aviv e deve contar com estrutura na sede da Volkswagen na Alemanha, em Wolfsburg. Ao firmar parceria com empresas israelenses, a montadora ganha bons aliados para trabalhar em cibersegurança, já que o tema é uma das prioridades para as jovens e inovadoras empresas do país.

Não é só a Volkswagen que concentra esforços em melhorar a segurança digital de seus carros. Recentemente a FCA - Fiat Chrysler Automobiles - anunciou que pagaria recompensas a hackers capazes de detectar falhas e fragilidade nos sistemas de seus carros. A medida foi inspirada na Tesla, fabricante de veículos elétricos que usa a mesma política.

Brasil e China vão ter acordo para prestação de serviços

16/09/2016 – Fonte: Folha de S. Paulo

Um acordo para facilitar o intercâmbio da prestação de serviços entre Brasil e China deve ser assinado pelo Mdic (Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior) e seu homólogo chinês no mês que vem.

A previsão é que o entendimento seja firmado no encontro dos Brics programado para acontecer em Goa, na Índia, no dia 18 de outubro.

A expectativa anterior era que isso ocorresse no início deste mês, durante a viagem do presidente Michel Temer à reunião do G20, na China, mas a assinatura foi postergada.

Há cinco anos que o setor pede para que o governo brasileiro busque um entendimento, afirma Luigi Nese, presidente da CNS (Confederação Nacional de Serviços).

"É difícil estabelecer uma relação com empresas chinesas se não tiver um aval do governo deles", diz.

Logística, transporte, serviços financeiros, automação bancária e tecnologia da informação são algumas das áreas nas quais a presença de chineses deve crescer com o acordo, afirma Nese.

A China é o segundo maior importador de serviços do mundo -em 2015, gastaram mais de R\$ 1,5 trilhão. O Brasil, R\$ 227 bilhões.

Acordos para intercâmbio de serviços implicam reduções de taxas e facilitação da concessão de vistos temporários, diz Izis Ferreira, economista da Confederação Nacional do Comércio, que também representa o setor.

"Esses entendimentos para serviços são uma novidade no mundo e para o Brasil."

Setor de serviços cresce 0,7% em julho, diz IBGE

16/09/2016 – Fonte: G1



O volume do setor de serviços cresceu 0,7% em relação a junho, segundo informou nesta sexta-feira (16) o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística ([IBGE](#)). Já em relação a julho de 2015, o setor registrou recuo de 4,5%, o maior, para esse mês, desde 2012, início da série histórica.

No ano, o setor acumula perdas de 4,8% e, em 12 meses, de 4,9%.

Na comparação com o mês anterior, cresceram os serviços prestados às famílias (3,2%); outros serviços (1,9%) e serviços profissionais, administrativos e complementares (0,3%). Por outro lado, as atividades turísticas recuaram 0,3% e os serviços de informação e comunicação não variaram.

"Ainda é cedo para falar que é um início de recuperação. Porque começamos a sentir em julho um efeito das Olimpíadas. A partir da segunda quinzena, o setor de alojamento, alimentação e turismo já começa a se beneficiar do evento, mas não foi só isso. No Rio, não foi férias escolares, mas nos outros estados, foi. Então, teve também incremento do turismo em outros estados que tiveram férias em julho", analisou Roberto Saldanha, analista de serviços e comércio do IBGE.

Na análise por regiões, as maiores altas partiram de Mato Grosso (3,8%), Pernambuco (2,1%) e São Paulo (1,9%). Na contramão, as quedas foram vistas em Alagoas (-4,7%), no Acre (-3,7%) e na Bahia (-3,6%).

Já na comparação anual, apenas o setor de serviços de Roraima cresceu: 4,1%. As variações negativas mais intensas foram em Rondônia (-14,0%), Amazonas (-12,5%) e Amapá (-12,1%).

RJ recua 1,2% apesar da Olimpíada

Apesar do efeito positivo da Olimpíada sobre a taxa do volume de serviços de todo o país, o estado do Rio de Janeiro fechou o mês de julho com resultado negativo de 1,2% e queda de 6,4%, em comparação com o mesmo mês do ano anterior.

"Nesse impacto negativo, tem que contar com empresas de grande porte que saíram do Rio e foram para São Paulo. Rio tem muitas empresas de prestação de serviços de engenharia que estão sem projeto. A capital pesa, talvez, 70%, mas daí achar que os Jogos Olímpicos vão recuperar a economia do Rio como um todo... Há muitos serviços que estão impactando de forma negativa. E o resultado global é uma compensação de altas e quedas. Um setor sobe, outro cai", afirmou.

De um mês para o outro, a receita nominal de setor de serviços em todo o país cresceu 1,2% e de julho de 2015 para 2016, subiu 0,3%. No ano, o indicador acumula alta de 0,2% e, em 12 meses, de 0,1%.

Prioridade do governo é trazer investimentos para o país, diz Marcos Pereira

16/09/2016 – Fonte: Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços



Secretário de Comércio da Espanha, Jaime García-Legaz, falou ao ministro sobre o interesse das empresas espanholas em investir no Brasil

O ministro Marcos Pereira recebeu nesta quinta-feira o secretário de Comércio da Espanha, Jaime García-Legaz. Durante o encontro, García-Legaz afirmou que “há muito interesse das empresas espanholas em investir no Brasil”. O ministro, por sua vez, disse que a prioridade do governo é trazer investimentos para o país.

Marcos Pereira explicou que o governo está tomando uma série de medidas para a retomada do investimento, com destaque para o Projeto Crescer, coordenado pela Secretaria de Parceria de Programas de Investimentos.

O ministro enfatizou que o projeto tem como objetivo reformular o modelo de concessões no Brasil, fortalecendo a segurança jurídica e a estabilidade regulatória. “A prioridade é trazer o investimento e destravar áreas de logística, portos, aeroportos e rodovias”, afirmou.

O ministro disse ainda que a economia brasileira já começa a dar sinais de recuperação e que em 2017 haverá retomada do crescimento econômico. “A economia brasileira começa a dar sinais de recuperação e este é o momento de investir no país”. García-Legaz disse ao ministro que o investimento na infraestrutura brasileira está no radar das empresas espanholas, com destaque para aeroportos e rodovias.

Acordo Mercosul-União Europeia

O ministro Marcos Pereira reiterou, durante o encontro, o interesse brasileiro em concluir em 2017 as negociações em torno do acordo de livre comércio entre o Mercosul e a União Europeia. “Estamos bastante empenhados em concluir o acordo.

Estou seguro de que conseguiremos avançar nas negociações”. Marcos Pereira afirmou ainda que a conclusão do acordo é uma demanda do setor produtivo brasileiro.

Jaime García-Legaz disse ao ministro Marcos Pereira que é o acordo é uma oportunidade histórica para os dois blocos e que é possível concluir as negociações no final de 2017.

Participaram do encontro o embaixador da Espanha no Brasil, Manuel de la Cámara Hermoso; o diretor internacional da Câmara de Comércio da Espanha, Alfredo Bonet Baiget; e o vice-presidente da Confederação Espanhola de Organizações Empresariais, Joaquín de Montellà.

Temer deve anunciar medida que une trabalhadores e empresas

16/09/2016 – Fonte: Exame

Os deputados que participaram de almoço com o presidente Michel Temer afirmaram que ele prepara um anúncio - que pode acontecer ainda nesta quinta-feira - da formação de uma Câmara Setorial, que reúna trabalhadores e empregados, com o objetivo de gerar emprego.

"Discutimos com ele e ele vai anunciar que o Brasil precisa juntar trabalhadores e empresários para discutir ambiente negócio", afirmou o deputado Paulo Pereira da Silva, o Paulinho da Força (Solidariedade-SP). O Palácio do Planalto, entretanto, ainda não confirma nenhum anúncio.

Segundo relatos de outros deputados presentes, a medida é uma demanda que já existia no Parlamento e Temer afirmou que ela já estava sendo estudada.

A estratégia seria alinhar esses trabalhos setoriais com os projetos de ajuste fiscal, como a PEC do teto do gasto público, para atrair investimentos e fazer com que haja a esperada retomada do crescimento.

Temer recebeu para um almoço no Planalto, além de Rosso, o líder do PMDB, Baleia Rossi (SP), Aelton Freitas (PR-MG), Jovair Arantes (PTB-GO), Aguinaldo Ribeiro (PP-PB), Márcio Marinho (PRB-BA) e Paulinho da Força (Solidariedade-SP).

Também participou do encontro o líder do governo André Moura (PSC-CE).

Apoio

Após almoço com o presidente Michel Temer, deputados do chamado "centrão" reafirmaram apoio ao governo e negaram que já estejam discutindo estratégias para a eleição para a presidência da Câmara no ano que vem.

Segundo o líder do PTB na Casa, Jovair Arantes, o atual grupo de 13 partidos vai continuar dando sustentação ao governo e trabalhar para que sejam aprovadas as medidas necessárias para fazer o país voltar a crescer "O centrão vai continuar apoiando governo para salvar o Brasil", disse.

PEC do Teto

Para Rogério Rosso, o principal objetivo agora será votar, até o fim do ano, a proposta de emenda à Constituição que estabelece um teto de gastos. "Eu me considero integrante da base do governo", disse. Ele lamentou que o termo "centrão" tenha se tornado "pejorativo".

Responsabilidade e transparência

O líder do PP, deputado Aguinaldo Ribeiro, também afirmou que o grupo vai ter "responsabilidade" e "transparência" para trabalhar pautas importantes para o país.

Ele negou que a sucessão na presidência da Câmara esteja em pauta no momento. "A questão sucessória não ajuda em nada, nem Congresso e nem o governo, nem o país", disse.

A manifestação de apoio ao governo Temer acontece após o jornal O Estado de S. Paulo mostrar que o grupo, enfraquecido após a eleição de Rodrigo Maia (DEM-RJ) para presidência da Câmara e a cassação de Cunha, estava começando a articular uma aproximação com a atual oposição na Casa, sobretudo PT, PDT e PCdoB.

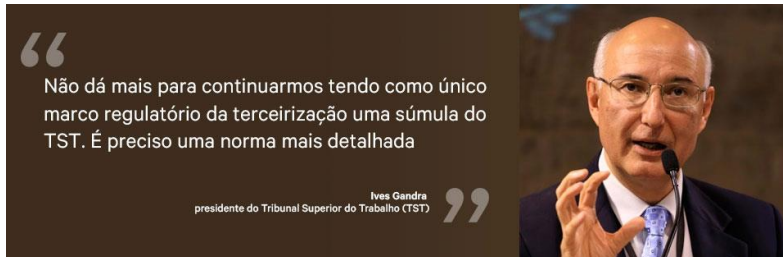
O principal objetivo seria juntar forças para tentar se sobrepor ao grupo da antiga oposição (PSDB, DEM, PPS e PSB) na eleição para sucessão de Maia.

Após o almoço, os deputados também divulgaram uma carta assinada por nomes do PMDB, PP, PSD, PRB, PTB, SD e PSC, na qual reafirmam ter o "mais absoluto e irrestrito compromisso" com o governo.

ENTREVISTA: Legislação trabalhista está desatualizada, afirma presidente do TST

16/09/2016 – Fonte: CNI

Presidente do TST diz ser bem-vinda a reforma nas relações de trabalho e lembra que empregados e empresários são parceiros num empreendimento comum, em que o sucesso de um é o sucesso do outro



“Prestigiar a negociação coletiva, em que as novas condições de trabalho serão fixadas pelas próprias partes”, é a principal medida para atualizar a legislação trabalhista, segundo o presidente do Tribunal Superior do Trabalho (TST), Ives Gandra da Silva Martins Filho.

“Ninguém reforma uma casa para piorá-la. E também se busca a melhor época do ano para fazer a reforma. Mas se a casa está com o telhado arrebentado, é no meio da chuva mesmo que vai ser feito o serviço”, avalia o magistrado, numa referência clara à urgência de uma reforma neste momento de crise econômica. Bacharel em Direito pela Universidade de São Paulo (USP), Martins Filho é ministro do TST desde 1999 e, desde fevereiro, ocupa a presidência do tribunal.

Confira a entrevista realizada pela revista [Indústria Brasileira](#) com Ives Gandra:

AGÊNCIA CNI DE NOTÍCIAS - É necessário modernizar a CLT (Consolidação das Leis do Trabalho) e a legislação trabalhista para adequá-la aos novos tempos?

Ives Gandra - Tanto é necessária a atualização que, à míngua de alterações legislativas, a Justiça do Trabalho tem dilatado direitos por meio de acentuado ativismo judiciário, mas penso que esse papel deve caber ao Poder Legislativo.

AGÊNCIA CNI DE NOTÍCIAS - É possível fazer alguma comparação, do ponto de vista das relações trabalhistas, entre o Brasil de Getúlio Vargas e o Brasil de hoje?

Ives Gandra - De um Brasil principalmente agrícola se avançou para um Brasil industrializado, até chegarmos à era da informática, em que a modalidade do teletrabalho vem a exigir regulamentação específica. O mesmo ocorre com o fenômeno das cadeias de produção, reclamando o estabelecimento de marco regulatório específico para a terceirização.

AGÊNCIA CNI DE NOTÍCIAS - Que alterações podem ser feitas para modernizar a legislação trabalhista?

Ives Gandra - Fundamentalmente, prestigiar a **negociação coletiva**, em que as novas condições de trabalho serão fixadas pelas próprias partes. O Projeto de Lei no 4.962/16, que tramita na Câmara dos Deputados, é exemplo de modificação tópica que já traça parâmetros concretos de flexibilização com vantagens compensatórias que dispensariam um pente fino na CLT.

AGÊNCIA CNI DE NOTÍCIAS - Quando se fala em reforma trabalhista, os sindicatos dos trabalhadores sempre alertam para uma possível perda de direitos e os empresários destacam a necessidade de modernizar a legislação para preservar o emprego e tornar o Brasil mais competitivo. Como compatibilizar esses dois pontos de vista?

Ives Gandra - Ninguém reforma uma casa para piorá-la. E também se busca a melhor época do ano para fazer a reforma. Mas se a casa está com o telhado arrebentado, é no meio da chuva mesmo que vai ser feito o serviço. A crise econômica afeta tanto empregados quanto empresas. Assim, é o momento de se fazer, urgentemente, uma reforma, para melhorar o sistema protetivo, de modo que a proteção seja real e não apenas fictícia.

AGÊNCIA CNI DE NOTÍCIAS - Como o senhor avalia a decisão do governo Temer de enviar uma proposta de reforma trabalhista ao Congresso Nacional?

Ives Gandra - Louvo a iniciativa e espero que tenha sucesso, vencendo preconceitos que não se justificam, uma vez conhecidas e debatidas as propostas.

AGÊNCIA CNI DE NOTÍCIAS - Muitas empresas já firmaram acordos coletivos nos quais houve redução do horário de almoço com conseqüente diminuição da jornada diária de trabalho, mas suspenderam o acordo depois que trabalhadores demitidos recorreram à Justiça pedindo indenização porque não tinham uma hora de almoço. Como o senhor vê isso?

Ives Gandra - Depois da decisão unânime do Supremo Tribunal Federal em precedente reformando decisão do TST sobre a flexibilização de normas trabalhistas, a rigor não seria sequer necessária reforma para prestigiar a negociação coletiva. Bastaria a disciplina judiciária à orientação do STF.

AGÊNCIA CNI DE NOTÍCIAS - O invalidação pela Justiça do Trabalho de instrumentos coletivos negociados de forma legítima tem servido de desestímulo ao diálogo entre empresas e trabalhadores?

Ives Gandra - Imagine a insegurança das empresas quando se tem um acordo combinado com os trabalhadores, no qual a empresa deu uma vantagem compensatória para ter a flexibilização do direito. A Justiça cancela a cláusula do direito flexibilizado, mas a cláusula compensatória é mantida. A empresa não vai querer mais negociar.

AGÊNCIA CNI DE NOTÍCIAS - Qual é o efeito mais amplo dessas decisões, em termos econômicos e para a modernização das relações do trabalho no Brasil?

Ives Gandra - Se a Constituição é claríssima ao permitir a flexibilização de jornada e salário, como uma válvula de escape pensada pelo constituinte de 1988 para se ajustar as relações de trabalho em época de crise econômica, na hora que vem a crise não permitir que se flexibilize você arrebenta com as empresas e não há mais válvula de escape nenhuma. Quem padece também é o trabalhador: quebra a empresa e o trabalhador fica desempregado.

AGÊNCIA CNI DE NOTÍCIAS - Como as instâncias da Justiça do Trabalho têm absorvido a jurisprudência do STF que determina que um instrumento coletivo, quando firmado de forma legítima, deve ter força de lei?

Ives Gandra - Tem sido ainda refratários. Tanto que o ministro Luís Roberto Barroso (autor do voto que gerou a jurisprudência) mostra que a racionalidade de sua decisão não é só para a cláusula da negociação analisada no processo, mas é para tudo que diga respeito à negociação, como salário e jornada.

AGÊNCIA CNI DE NOTÍCIAS - Outro ponto muito polêmico é a regulamentação da terceirização. Qual a sua opinião sobre o tema?

Ives Gandra - Não dá mais para continuarmos tendo como único marco regulatório da terceirização uma súmula do TST. É preciso uma norma mais detalhada, que abranja também o setor público, impeça abusos e não exija que fiscais do trabalho se tornem juízes, na interpretação da jurisprudência do TST.

AGÊNCIA CNI DE NOTÍCIAS - Num momento de crise como o atual, com o desemprego em 11%, o senhor acha possível o país chegar a um consenso sobre a reforma trabalhista?

Ives Gandra - Sempre acredito na capacidade de se chegar a consensos, quando o que todos buscamos é a harmonização das relações trabalhistas. Em dois anos como vice-presidente do TST consegui, em plena crise econômica, firmar acordos em que, em face de reajustes salariais abaixo da inflação, as empresas concederam vantagens compensatórias que atraíram os trabalhadores. Por que o mesmo não pode ser conseguido mais amplamente?

AGÊNCIA CNI DE NOTÍCIAS - Hoje, quais são os principais riscos e desafios para o Direito do Trabalho?

Ives Gandra - Manter uma legislação antiga desatualizada, com interpretação rígida a favor do trabalhador e flexível para ampliar-lhe direitos. É preciso encontrar o ponto de equilíbrio que, na dicção do artigo 766 da CLT, assegure justos salários aos trabalhadores e justa retribuição às empresas.

Qualquer fórmula que faça a balança da Justiça pender principalmente para um lado só acirrará o conflito social. E isso ninguém deseja pois, no meu modo de ver, empregados e empresários são parceiros num empreendimento comum, em que o sucesso de um é o sucesso do outro.